

## OFICINAS DIALÓGICAS MUSICAIS: NOVAS POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Nathalia Sena Sassone Perrone <sup>1</sup>  
Adrielle Macêdo Fernandes da Silva <sup>2</sup>  
Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello <sup>3</sup>

### RESUMO

Uma das principais formas de se promover saúde é por meio do ensino e da educação. No caso do presente trabalho, especialmente da educação musical, com ênfase no ensino não-formal. Utiliza-se, aqui, o conceito de ensino não-formal como sendo o desenvolvido em espaços extramuros escolares, em que os processos de ensino-aprendizagem acontecem, com objetivos e intencionalidades. Neste sentido, interligou-se a abordagem CienciArte, a Pesquisa baseada em Artes (PBA), a Educação Não-Formal, a pedagogia de Paulo Freire e o campo da História, estudando promoção de saúde, por meio da arte, analisando seu uso e transformações através da temporalidade. Com isso, buscou-se analisar possíveis contribuições que o fazer musical poderia acarretar no ensino através da construção de Oficinas Dialógicas Musicais. A Oficina foi executada com 33 alunos de um pré-vestibular comunitário em Santa Cruz/RJ. Foram desenvolvidas três atividades amparadas em todo o material teórico abordado durante a pesquisa, em que os participantes foram convidados a participarem e partilharem conjuntamente suas percepções, emoções e sentimentos. Por fim, os participantes entregaram paródias feitas a partir de temáticas desenvolvidas durante as atividades. Assim, as oficinas possibilitaram, tanto em aspectos teóricos quanto práticos, perceber que a união entre CienciArte e PBA, articuladas à educação não-formal, configuraram-se como potentes formas de ensinar, educar, promover saúde, fazer música, entre outras possibilidades.

**Palavras-chave:** Ensino; Pesquisa Baseada em Arte; Cienciarte; Música; Saúde.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - RJ, bolsista PIBIC/IOC/FIOCRUZ, [nathalia.perrone@edu.unirio.br](mailto:nathalia.perrone@edu.unirio.br);

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz (IOC)/Fiocruz/RJ, Mestre em Ciências pela PGEBS/IOC/Fiocruz, [adrielle.mfernandes1@gmail.com](mailto:adrielle.mfernandes1@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutor em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP)/Fiocruz/RJ, Professor da FAETEC-RJ e Pesquisador no Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos do IOC/Fiocruz, [mlbmello@gmail.com](mailto:mlbmello@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A promoção de saúde, comumente, é definida de forma ampla, uma vez que refere-se a formas que “não se dirigem a uma determinada doença ou desordem, mas servem para aumentar a saúde e o bem estar gerais” (FERREIRA, 1986). Desta forma, a palavra “promover” é vista como impulso, fomento, geradora, originária (FERREIRA, 1986).

O modelo biomédico foi internalizado como a única forma de se obter saúde e equilíbrio entre corpo e mente, durante muito tempo. Porém, vem ganhando cada vez mais espaço, uma visão de saúde transdisciplinar, em que propõe-se uma conexão entre os diversos campos que permeiam a humanidade. Com esse cenário, faz-se necessário pensar não somente em termos de aspectos físicos que afetam os indivíduos, mas também perceber e agregar outros aspectos sociais, culturais e psicológicos. Para isso, elementos artísticos, em especial, a música, têm feito parte do rol de possibilidades terapêuticas complementares rumo a uma melhor qualidade de vida.

Desse modo, fez-se necessário analisar um contexto de passado recente vivido para que pensemos acerca do campo da promoção de saúde, o contexto da Pandemia Covid-19. Com início em dezembro de 2019, o mundo viveu alarmado pela pandemia de Coronavírus, iniciada em Wuhan, na China. “Estávamos na presença de um vírus novo com alta contagiosidade e que levava cerca de 15% dos acometidos à internação, inclusive UTI. Não havia leitos disponíveis para isso. (...) Tratava-se de uma epidemia única na história da humanidade” (UJVARI, 2020, p. 302).

Com isso, a pandemia passou a ser parte integrante e fundamental de ações e reações humanas, em que tudo feito passa a ser pensado, analisado e refletido a partir da mesma. Foi necessário, portanto, que houvesse adaptações ao chamado “novo normal” (BIRMAN, 2020). Nesta direção, a presente pesquisa contribuiu para o aprofundamento de conhecimentos no campo das práticas musicais a fim de evidenciar novas possibilidades para a promoção da saúde, tendo como ponto de partida, em específico, a Música Popular Brasileira (MPB), analisando suas contribuições para indivíduos após este evento histórico.

Uma das formas principais de se promover saúde é através do ensino e da educação, nesse caso, da educação musical, com ênfase na educação não-formal. Para Gohn (2014), o ensino não-formal é definido como o desenvolvido em espaços extramuros escolares, em que os processos de ensino-aprendizagem acontecem, com objetivos e intencionalidades. Além do mais, em suas próprias palavras:

“A educação não-formal é um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Portanto, através da educação não-formal, juntamente com a música, possibilita-se a promoção da saúde.” (GOHN, 2014, p. 4)

Neste sentido, interligou-se a Pesquisa Baseada em Artes (ABR) e a Cienciarte com o campo da História, estudando promoção de saúde, através da arte, analisando seu uso e transformações através da temporalidade. Há a união entre os dois campos: História e a promoção da saúde, juntamente com a ABR e Cienciarte, desenvolvidas, através do Núcleo de Estudos, Arte, Cultura e Saúde (NEACS), do Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB), do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), da Fiocruz-RJ, uma vez que estas conexões acabam construindo um caminho que “funde a compreensão subjetiva, sensorial, emocional e pessoal com a compreensão objetivas, analítica, racional e pública (ARAÚJO-JORGE; *et al.*, 2018, p. 26).

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, em que o pesquisador é sujeito de seu estudo ao mesmo tempo em que é objeto. Configurou-se como um caminho de pesquisa voltado para a produção de novos conhecimentos. Sob o ponto de vista de Poupart (2008):

“O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é

que ela seja capaz de produzir novas informações”.  
(POUPART, 2008, p. 58).

A pesquisa qualitativa trabalha a partir do universo de significados, aspirações, crenças, motivos, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações que não podem ser reduzidas à operacionalização de variáveis. Contraponto da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, por sua subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14). Entretanto, é necessário pensarmos e buscarmos entender de que forma o envolvimento emocional do pesquisador pode ser benéfico para a pesquisa, ainda mais por se tratar de um contexto histórico vivido pelo mesmo.

A construção das bases metodológicas são influências dos debates ocorridos nas reuniões e atividades do Núcleo de Estudos Arte, Cultura e Saúde (NEACS), no Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB), do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) - FIOCRUZ/RJ. Tal núcleo é composto por um grupo diverso, com participantes em vários níveis de formação, incluindo alunos do Programa de Vocação Científica (PROVOC/EPSJV), Inicia o Científica (PIBIC), Mestrado Acad mico, Doutorado Acad mico e especializa es (*lato sensu*).

Ademais, ressalta-se que a presente pesquisa teve como referência metodológica duas abordagens: Ciência e Arte, utilizando como referencial teórico o casal Root-Bernstein e Araújo-Jorge e a *Arts-Based Research*, baseando-se, principalmente nas obras “*Handbook of Arts-Based Research*”<sup>4</sup> e “*Method meets Art-Arts Based Research Practice*”<sup>5</sup>, de Patricia Leavy. Seguindo essas linhas, partiu-se de diferentes pontos, buscando a integra o entre os aspectos artísticos e científicos.

No Núcleo de Estudos em Artes, Cultura e Saúde há o desenvolvimento de diversas expressões artísticas que dialogam com campos acad micos distintos, tais como: música, literatura, dança, artes visuais, dialogando com Ciências Sociais, Antropologia, História, Biologia, Saúde Coletiva e Psicologia. Todos os campos são explorados de formas individuais e coletivas, a fim de buscar e analisar seus respectivos papeis e contribui es para as pesquisas do núcleo, em suas variadas possibilidades.

---

<sup>4</sup> LEAVY, Patricia (Ed.). **Handbook of arts-based research**. Guilford Publications, 2017.

<sup>5</sup> LEAVY, Patricia. **Method meets art: Arts-based research practice**. Guilford publications, 2020.

Partindo desta perspectiva, para o estudo, a arte foi trabalhada a partir de expressões artísticas com ênfase na música, em que foram explorados materiais musicais, tendo como base a Música Popular Brasileira (MPB). Com isso, esperou-se, por meio de oficinas musicais dialógicas, investigar se (e como) a MPB impacta e influencia os participantes acerca de suas vivências, focando, principalmente, na promoção de saúde e bem estar dos próprios após suas vivências e experiências no contexto vivido de pandemia por Covid-19.

Para a realização das oficinas dialógicas utilizou-se como base metodológica de ensino principal, os autores: Paulo Freire e Maria da Glória Gohn. As oficinas dialógicas mostraram ser uma forma potente de trabalhar os mais diversos assuntos quando, pautadas na pedagogia de Paulo Freire (1987), propõem a construção de ambientes acolhedores em que os participantes compartilham seus pontos de vista com liberdade, sem que haja, necessariamente, hierarquia na disseminação do saber. Pretendeu-se, através da utilização de tais bases metodológicas, possibilitar uma horizontalidade de saberes (FREIRE, 1987).

Essa abordagem fez com que possamos vivenciar a aprendizagem construída a partir de linhas educacionais, de modo participativo, em que o objetivo foi gerar nos indivíduos presentes na dinâmica o sentimento de participação e pertencimento. Neste sentido, as oficinas musicais dialógicas inserem-se no parâmetro de educação não formal, como evidencia Maria da Glória Gohn (2014).

Ao todo, foram realizadas três oficinas, duas em formatos remotos, através da plataforma *Google Meet* e uma presencial. A primeira oficina configurou-se como uma oficina teste, realizada com integrantes do Núcleo de Estudos Arte, Cultura e Saúde (NEACS), caracterizada como oficina teste. O que antes havia sido pensado no formato presencial, precisou adaptar-se através de novas metodologias remotas. A segunda, também no formato presencial, foi realizada com alunos do programa de Pós-graduação de Ensino de Biociências e Saúde (PG-EBS), do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) - FIOCRUZ/RJ. Ambas tiveram a mesma estrutura metodológica, com pequenas modificações em relação à incorporação temporal na segunda. Por fim, a primeira oficina dialógica de música presencial foi realizada com trinta e três alunos do Pré Vestibular Comunitário *Ser Cidadão*, em Santa Cruz-RJ, uma organização sem fins lucrativos que tem por objetivo contribuir com a formação de jovens e adultos das regiões periféricas do Rio de Janeiro.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na oficina teste, os participantes foram indagados a respeito do que consideravam como saúde e anotaram em um papel, sem colocar nenhuma identificação. Após isso, houve um espaço de partilha de respostas para aqueles que se sentissem à vontade. A troca foi muito boa. Alguns destacaram que consideram a saúde como o equilíbrio entre corpo, mente e ações. Porém, uma resposta chamou a atenção do grupo: uma participante colocou que considera o equilíbrio utópico e que para ela, seria o ato de estar viva, uma vez que só alcançaremos o equilíbrio mencionado após a morte, quando os batimentos de nosso coração param.

Após a partilha, foi pedido que os mesmos escrevessem o estilo musical que mais gostam de ouvir em momentos de tristeza e estresse. Da mesma forma que na atividade anterior, houve espaço para que os participantes que quisessem, compartilhassem com os demais suas respostas. Neste momento, foi observado que grande parte dos participantes colocaram o mesmo estilo musical: a Música Popular Brasileira (MPB). Nas justificativas, encontrou-se principalmente que o estilo os ajuda e os remete a sensações e sentimentos bons, causando bem estar.

Para finalizar a parte prática da oficina, foi solicitado que todos ficassem da forma mais confortável, dentro do possível de cada um e em sequência, algumas músicas foram colocadas. Os participantes deveriam representar no papel, de forma livre, tudo o que viessem a sentir ao ouvir as músicas. Abaixo lista-se as músicas:

- a) Palavras ao vento - Cássia Eller;
- b) Faz parte do meu show - Cazuza;
- c) Esquadros - Adriana Calcanhotto
- d) Mania de Você - Rita Lee;
- e) Pra não dizer que não falei das flores - Geraldo Vandré

Por fim, os participantes relataram suas impressões sobre a oficina. Todos responderam que se surpreenderam com a escolha das músicas e que haviam se animado em refletir sobre as sensações e sentimentos que as músicas lhe proporcionaram. Um participante colocou que tinha certo receio com algumas músicas, uma vez que lhe traziam memórias negativas, como exemplo, citou *Pra não dizer que*

*não falei das flores*, de Geraldo Vandré, por remeter a Ditadura Civil Militar, ocorrida no Brasil, em 1964, sendo concordado por outra participante. Em outro momento, uma outra participante colocou que ao ouvir a música *Palavras ao vento*, de Cássia Eller, sentiu-se bem, livre. Ao final de nossa conversa, foi colocado para os mesmos que os sentimentos proporcionados pelas músicas acabaram sendo potencializados pela execução das mesmas.

Na segunda oficina, foi pedido que os participantes escolhessem uma palavra que definisse seu passado, seu presente e seu futuro (uma palavra para cada tempo histórico). Como na oficina teste, foi aberto um espaço de partilha. É interessante registrar que a palavra *nostalgia* foi mencionada por cinco participantes ao falarem sobre o passado. Já sobre o futuro e presente, ficou marcada a palavra *incerteza*. Ao serem mencionados sobre a escolha da palavra, argumentaram que seria a melhor palavra para registrar o momento de pandemia vivido.

Na atividade dois, foi proposto o mesmo. Ao invés de representarem seu passado, presente e futuro com palavras, deveriam usar músicas. Uma participante definiu para seu presente com *Sujeito de Sorte*, de Belchior. Ao ser indagada sobre a escolha, evidenciou o contexto histórico de pandemia e certa esperança para melhora em relação ao cenário.

Posteriormente, na última atividade, foi pedido que os participantes escutassem com atenção músicas que seriam tocadas, igualmente ao ocorrido na oficina teste. Os participantes, após ouvirem as músicas tocadas, registraram a importância de se trabalhar a saúde mental das pessoas. Segundo eles, algumas músicas poderiam despertar alguns sentimentos negativos. Outra participante registrou a alegria que sentiu ao ouvir "*Faz parte do meu show*", de Cazuza, pois seria uma música "de sua época" e, ouviu-lá teria trazido recordações.

Na última atividade, foi pedido aos participantes que escolhessem uma música e enviassem, em até dez dias, uma paródia que falasse sobre algum tema da contemporaneidade. Apenas uma participante enviou. Deixa-se aqui a paródia de *Palavras ao Vento*, de Cássia Eller:

Ando por aí querendo vacinar

Em cada posto, eu vou tentar

Deixo a tristeza e trago a esperança disso acabar

Que o SUS pra sempre viva, é uma dádiva

Quero poder jurar que o covid jamais voltará

(Paródia da Música - Palavras ao vento - Cássia Eller)

Ao final de nossa conversa, foi colocado para os mesmos que os sentimentos proporcionados pelas músicas acabaram sendo potencializados pela execução das mesmas. Potencializando assim, o bem estar (FERREIRA, 2010). Para que houvesse a oportunidade de analisar melhor a oficina, utilizamos a gravação da chamada via *Google Meet*, tendo como metodologia de construção dos dados as conversas com os participantes. (SOUZA, GURGEL e ANDRADE, 2019).

Uma vez utilizando a educação não formal, não faria parte da metodologia a avaliação dos participantes das oficinas por meio de provas, questionários ou outras formas, já que não é o objetivo. Há, na verdade, a necessidade de observar a relação dos participantes com as atividades propostas; se houve interesse por parte dos participantes ou não. Caso não haja, é necessário pensar formas de chamar atenção dos mesmos. É preciso que os condutores da oficina tenham constantemente a percepção dos participantes sobre as atividades propostas. Pensando na fase final da oficina, foi decidido que os próprios participantes fariam suas avaliações sobre sua participação. Com a finalidade de avaliar a oficina em si, terão acesso a um formulário onde farão seus comentários, de forma anônima.

Por fim, registra-se os resultados da terceira e presencial oficina bem como suas atividades.

Atividade 1 - Os participantes deveriam escolher uma palavra que definisse seu passado, uma palavra para seu presente, uma palavra para seu futuro e uma palavra que definisse o momento pandêmico vivido. Após isso, quem se sentisse à vontade, partilhava com os demais.

Atividade 2 - Os participantes deveriam escolher uma música que dialogasse com o momento da Pandemia de Covid-19. Os que estivessem à vontade, evidenciavam aspectos de suas escolhas oralmente aos demais.

Atividade 3 - Os participantes deveriam produzir uma paródia discorrendo sobre os temas debatidos durante a oficina e apresentar para a turma (algumas temáticas

debatidas: Covid-19, Luto, Racismo, Desigualdade, Periferia, Sistemas de Cotas, Zona Oeste do RJ).

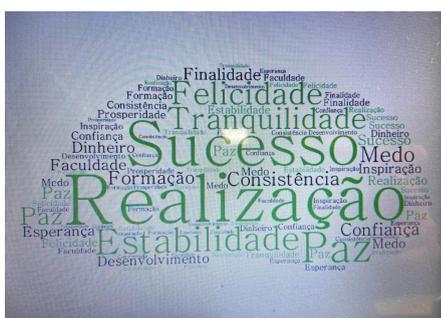
Durante a primeira atividade da oficina presencial, notou-se que os participantes estavam desconfiados pela mediação não ser de alguém da própria instituição, ou seja, alguém que ainda não conheciam muito bem, até mesmo incomodados com a ideia de partilhar seus sentimentos com o restante da turma. Vale ressaltar que a turma tinha sido formada há pouco menos de dois meses. Entretanto, ao decorrer da mesma, foram se permitindo participar efetivamente. Logo, evidencia-se o resultado das palavras escolhidas por meio da apresentação com a técnica de nuvem de palavras:

### Passado:



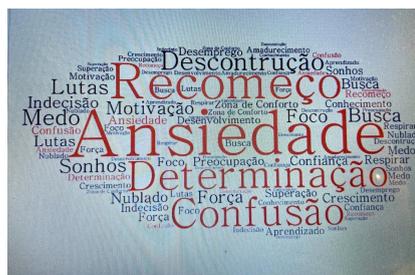
(Nuvem de Palavras 1)

### Futuro:



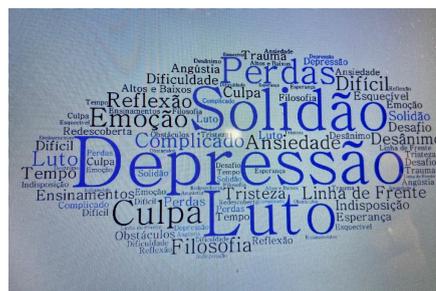
(Nuvem de Palavras 3)

### Presente:



(Nuvem de Palavras 2)

### Covid-19:



(Nuvem de Palavras 4)

Percebe-se que, as palavras com maior evidência nas nuvens de palavras são as que foram utilizadas e abordadas com maior recorrência. No passado; temos as palavras *Infância*, *Bullying* e *Traumas*, neste momento, muitos alunos pediram a palavra para

contar sobre suas infâncias vividas, seus traumas e problemas enfrentados em seus passados. O acontecimento foi positivo pois retirou dos demais certo bloqueio com a dinâmica; o fato possibilitou, inclusive, aos próprios coordenadores do Pré Vestibular conhecerem e entenderem melhor a história dos alunos. No Presente; *Recomeço, Ansiedade e Determinação*. Ao indagar acerca da presença em grande expressão das palavras, foi respondida por uma participante que, todos ali estão vivendo um mesmo contexto social, o de preparação para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, que, por isso, as três palavras eram o cotidiano de todos.

Em relação ao futuro, *Sucesso e Realização* aparecem em maior quantidade, seguidas de *Tranquilidade e Estabilidade*. Um grupo de participantes argumentou que todos almejam sucesso e tranquilidade por estarem inseridos em um contexto social diferente. Espera-se, segundo o grupo, que o morador da Zona Oeste do Rio de Janeiro trabalhe através de um curso profissionalizante, ganhando um salário mínimo, passando sempre por dificuldades. Ou, ainda segundo eles, esteja envolvido com roubo, furto ou tráfico de drogas. Os participantes argumentaram, então, que desejam ir contra o senso comum preconceituoso disseminado.

Para finalizar a atividade, foi pedido que registrassem palavras sobre o contexto de Pandemia por Covid-19. Ressalta-se *Depressão, Solidão, Luto e Perdas*. Este momento da oficina foi de bastante emoção onde diversos alunos relataram suas experiências, sensações e sentimentos vividos durante a pandemia. Acrescento que uma participante evidenciou aos demais a perda de sua mãe e o quanto o momento sem a mesma foi e é difícil.

No segundo encontro, foi pedido que os alunos pensassem no contexto de pandemia e, ao invés de utilizarem palavras para expressar o momento, deveriam usar músicas. Abaixo, evidencia a lista de músicas escolhidas e debatidas:

Tabela 1 - Músicas escolhidas pelos participantes

<b>Música - Autor/Banda</b>	<b>Música - Autor/Banda</b>
Me conta da tua janela - Ana Vitória	Essa eu fiz para a minha mãe se orgulhar - João Gomes
Dias de Luta, Dias de Glória - Charlie	Hymn for the Weekend - Coldplay

Acerca da atividade 2, registra-se, primeiramente, que algumas músicas foram repetidas pelos alunos, como é o caso de *A Prova de Bala* de VMZ e *Tempo Perdido* de Legião Urbana. Neste momento, os alunos debateram sobre suas músicas escolhidas, colocando em questão, mais uma vez, o quão difícil foi passar pelo momento de pandemia, onde perderam familiares e amigos. Uma participante dividiu com o grupo que escolheu a música *Não creio em mais nada*, pois perdeu alguns integrantes de sua família, teve que começar a trabalhar, pois sem auxílio digno do governo, precisava colocar comida na mesa para seus irmãos, tendo que adiar o sonho de adentrar em uma Universidade Pública. Neste gancho, foi colocado em questão a importância das Cotas Sociais que possibilitam o acesso.

Na última atividade, foram formados cinco grupos para que construíssem paródias com alguma temática debatida na oficina. A participante que havia partilhado

com o grupo que havia começado a trabalhar para ajudar em casa durante a pandemia fez, juntamente ao seu grupo, a seguinte paródia:

### **Carta para o autoritarismo**

Te vejo falando isso não é pecado, exceto quando faz outra pessoa errar.

Te vejo votando e isso dá medo, criando um mundo que não tenho lugar.

Você quer decidir a minha vida, e minha carga escolar.

Se não souber votar, ao menos pesquise a fonte.

Cê acha que eu sou doída, mas tudo vai piorar.

Tô aproveitando cada segundo antes que o país vire ditadura.

E não adianta nem vir reclamar, dos preços altos sem merenda.

Eu te avisei o tempo todo, mas você não ouviu.

Você sempre rindo e mentindo tudo bem, Dessa vez eu já fugi da sua censura. E mesmo que as eleições ele ganhe, eu continuarei de pé na Candelária.

Depois vc me vê formada e acha graça, pois eu não passo de uma militante.

To aproveitando cada segundo antes que o país vire ditadura.

E não adianta nem vir reclamar, dos preços altos sem merenda.

Eu te avisei o tempo todo, mas você não ouviu.

Mesmo hoje, eu ainda vou correr

Mesmo hoje, eu ainda vou lutar para vencer.

Cansei de implorar medidas que só prometem, e não se cumprem.

E essa turbulência a qualquer hora vai melhorar

(Paródia da Música - Na sua estante - Pitty)

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das etapas envolvidas na pesquisa, tanto nos formatos remotos e/ou presenciais, no que consiste aos aspectos teóricos e práticos, foi possível observar que a união entre a História, a abordagem Cienciarte e a Pesquisa baseada em Artes conseguiram ser formas interessantes de educar, ensinar, promover saúde, dentre tantas outras possibilidades.

Sobre as oficinas, é importante evidenciar os temas debatidos durante as mesmas, a partir das palavras e músicas escolhidas pelos participantes. Foi importante ouvir o que tinham para falar, além de debater sobre temas sociais, que, segundo eles,

foram acentuados durante e após a pandemia, cada um dentro de seu contexto social, seja pelo contexto de pré-vestibular, ou de qualificação acadêmica. É considerável notar que para ambos os grupos, dentro da temporalidade, o futuro foi o mais discutido. Além disso, foi de grande proveito a construção e realização da oficina de forma presencial, prezando interações e contatos presenciais.

Era evidente a perda em não se ter a experiência de oficina no formato presencial. Antes, de forma remota, a essência metodológica era mantida e adaptada, utilizando a ABR e a educação não formal; porém, de forma presencial, através deste contato, notou-se que a mesma foi potencializada, em comparação com as oficinas remotas. Percebeu-se, também, que a Música, elemento artístico principal das atividades, gerou e promoveu saúde, uma vez que possibilitou, como meio metodológico, a participação dos alunos, tanto do programa de pós graduação quanto do pré vestibular, fazendo com que ambos refletissem sobre suas vidas, sentimentos e desejos.

Ao longo da pesquisa, os processos de estudo e pesquisa se desdobraram no ato de levantamento bibliográfico e entendimento da temática. Percebeu-se que, outros assuntos surgiram em debate, muito em função da pandemia de Covid-19, para um maior aprofundamento. Os resultados foram positivos uma vez que houve facilidades na busca de textos, dados e a realização das oficinas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO-JORGE, Tânia Cremonini de; de et al. **CienciArte© no Instituto Oswaldo Cruz: 30 anos de experiências na construção de um conceito interdisciplinar**. In: Cienc. Cult. [online]. 2018, vol.70, n.2, pp. 25-34, Rio de Janeiro.

BIRMAN, Joel. **O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas**. Editora José Olympio, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Integração social do surdo. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 7, 1986.

FERREIRA, Francisco Romão. **Ciência e arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos**. Educação e Pesquisa, v. 36, p. 261-280, 2010.

GOHN, M, da G. **Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos**.

LEAVY, Patricia (Ed.). **Handbook of arts-based research**. Guilford Publications, 2017.

LEAVY, Patricia. **Method meets art: Arts-based research practice**. Guilford publications, 2020.

MELLO, M. L.; GOMES, R. F. R. Introdução. In: MELLO, M. L.; GOMES, R. F. R. (org.). **Memórias de uma pandemia no século XXI: quando arte, saúde e cultura se encontram**. Curitiba: CRV, 2021.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUZA, B. *et al.* **Com as juventudes: conversa como metodologia de pesquisa e uma aula como conversa**. XV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult), agosto de 2019.

POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos, v. 2, 2008.

UJVARI, Stefan Cunha. **História das epidemias**. Editora Contexto, 2020.